revista online de extensão e cultura
REALIZAÇÃO

CC BY NC SA

DOI 10.30612/realizacao.v11i22.18817
ISSN: 2358-3401

Submetido em 31 de Julho de 2024
Aceito em 03 de Dezembro de 2024
Publicado em 20 de Dezembro de 2024

HOLOCAUSTO BRASILEIRO: O LIMIAR ENTRE HISTÓRIA E JORNALISMO LITERÁRIO[1]

HOLOCAUSTO BRASILEIRO: THE THRESHOLD BETWEEN HISTORY AND LITERARY JOURNALISM

HOLOCAUSTO BRASILEIRO: EL LIMITE ENTRE HISTORIA Y PERIODISMO LITERARIO

Maria Luísa Cordeiro*
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Resumo: Essa pesquisa busca compreender as proximidades e distanciamentos entre as áreas de Jornalismo e História dentro da obra Holocausto Brasileiro (2013), de Daniela Arbex. O livro apresenta histórias de violência em um Centro Hospitalar Psiquiátrico na cidade de Barbacena (MG). A união que a autora faz de técnicas jornalísticas com materiais historiográficos possibilita humanizar e eternizar personagens que passaram anos à margem da sociedade. A obra de Arbex foi analisada a partir de duas perspectivas: jornalismo literário e a historiografia, para isso utilizou-se como base as contribuições acadêmicas de Edvaldo Lima (2009), Felipe Pena (2006), José D'Assunção Barros (2005) e Tania Regina de Luca (2020) e a metodologia foi a análise do conteúdo de Laurence Bardin (2016). Holocausto Brasileiro possui todas as características de um livro-reportagem. Por mais que jornalistas e historiadores se utilizem das mesmas fontes para conseguir uma informação, a abordagem ao conteúdo é realizada de maneira diferente. A área da comunicação está direcionada para o grande público, com maior liberdade no estilo de escrita, e maior proximidade com os personagens apresentados. Por outro lado, historiadores estão imersos em um ambiente acadêmico, com uma exigência de formalidade da linguagem, padronização no estilo e impessoalidade, de forma a passar por uma disciplina metódica de pesquisa que será revisada por colegas. Holocausto Brasileiro, assim como outras obras de livro-reportagem, possuem como característica intrínseca a humanização dos relatos.

Palavras-chave: Jornalismo Literário, História, Holocausto Brasileiro.

[1]Trabalho apresentado como Relatório Final apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Ferreira de Camargo

*Autor para correspondência: malu_cordeiro@yahoo.com.br

Abstract: This research seeks to understand the proximity and distance between the areas of Journalism and History within the work “Holocausto brasileiro” (2013), by Daniela Arbex. The book presents stories of violence in a Psychiatric Hospital Center in the city of Barbacena (MG). The author's union of journalistic techniques with historiographic materials makes it possible to humanize and immortalize characters who spent years on the margins of society. Arbex's work was analyzed from two perspectives: literary journalism and historiography, for this purpose the academic contributions of Edvaldo Lima (2009), Felipe Pena (2006), José D'Assunção Barros (2005) and Tania Regina de Luca (2020) and the methodology was content analysis by Laurence Bardin (2016). “Holocausto brasileiro” has all the characteristics of literary journalism. Even though journalists and historians use the same sources to obtain information, the approach to the content is carried out differently. The communication area is aimed at the general public, with greater freedom in the writing style, and greater proximity to the characters presented. On the other hand, historians are immersed in an academic environment, with a requirement for formality of language, standardization in style and impersonality, in order to go through a methodical discipline of research that will be reviewed by colleagues. “Holocausto brasileiro”, as well as other books, have as an intrinsic characteristic the humanization of the reports.

Keywords: Brazilian holocaust, Literary journalism, History.

Resumen: Esta investigación busca comprender la proximidad y distancia entre las áreas de Periodismo e Historia dentro de la obra “Holocausto brasileiro” (2013), de Daniela Arbex. El libro presenta historias de violencia en un Centro Hospitalario Psiquiátrico de la ciudad de Barbacena (MG). La unión que hace el autor de técnicas periodísticas con materiales historiográficos permite humanizar e inmortalizar los personajes que pasaron años al margen de la sociedad. Se analizó la obra de Arbex desde dos perspectivas: el periodismo literario y la historiografía, para ello se tomaron en cuenta los aportes académicos de Edvaldo Lima (2009), Felipe Pena (2006), José D'Assunção Barros (2005) y Tania Regina de Luca (2020), y la metodología fue el análisis de contenido de Laurence Bardin (2016). El “Holocausto brasileiro” tiene todas las características de un libro de periodismo literario. Si bien periodistas e historiadores utilizan las mismas fuentes para obtener información, el abordaje de los contenidos se realiza de manera diferente. El área de comunicación está dirigida al público en general, con mayor libertad en el estilo de escritura y mayor proximidad a los personajes presentados. Por otro lado, los historiadores están inmersos en un ambiente académico, con la exigencia de formalidad en el lenguaje, estandarización en el estilo e impersonalidad, para poder transitar por una disciplina metódica de investigación que será revisada por sus colegas. “Holocausto brasileiro”, así como otros reportajes, tienen como característica intrínseca la humanización de los relatos.

Palabras clave: Periodismo literario, Historia, Holocausto brasileiro.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado do trabalho desenvolvido enquanto bolsista da PUCPR para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob a orientação

do Professor Doutor Paulo Roberto Ferreira de Camargo. A ideia central é compreender quais são as proximidades e distâncias entre o Jornalismo e a História dentro do livro-reportagem obra Holocausto Brasileiro (2013), de Daniela Arbex.

A obra descreve a história do Hospital Colônia, um Centro Hospitalar Psiquiátrico na cidade de Barbacena (MG), que funcionou por mais de 90 anos e matou 60 mil pessoas com a conivência do Estado, médicos e sociedade. A partir de entrevistas com ex-funcionários e sobreviventes, a autora retrata diversas atrocidades e violências cometidas naquele espaço.

Arbex (2013) une técnicas de apuração jornalística com fontes historiográficas, para humanizar e eternizar esses personagens que passaram anos à margem da sociedade. Busca-se analisar o entrelaçamento entre o jornalismo literário e a História, apontando as principais características das duas áreas de conhecimento, visando compreender de que forma a obra de Arbex humaniza os personagens apresentados.

O objetivo deste trabalho é refletir e analisar de que maneira Holocausto Brasileiro (2013), está no limiar de uma obra jornalística e historiográfica e quais são as semelhanças e diferenças entre essas duas áreas. Procura-se, com essa pesquisa, verificar as metodologias utilizadas pela jornalista - principalmente nas técnicas de apuração - para a criação de um texto histórico, possibilitando a humanização dos personagens escolhidos para compor essa narrativa histórica jornalística. Para isso, será utilizado a metodologia de análise do conteúdo.

Esse método é definido como um conjunto de técnicas destinadas a interpretar e sistematizar conteúdos (Bardin, 2016). Essa metodologia é adequada para o objeto de análise deste trabalho porque possibilita criar categorias e diferenciar técnicas da História e do Jornalismo de forma mais clara, identificando padrões e significados.

Desta forma, verifica-se a separação da análise em dois eixos definidas com base nas características apresentadas nas obras de Barros (2005) e Wolfe (2005). Na categoria de historiografia, Barros (2005) define a história como um trabalho que envolve análise de fontes, seguido por uma pesquisa metódica e disciplinada, com revisão por pares. Assim, essas três categorias serão verificadas para identificar se estão presentes na obra em análise.

Por sua vez, Wolfe (2005) aponta as seguintes características do jornalismo literário: descrição de cena, diálogos, uso de elementos simbólicos e narrativa a partir do ponto de vista do personagem. Além dessas, foram acrescentadas mais duas categorias inerentes ao fazer jornalístico: a voz autoral e a precisão de dados e informações.

As características de estilo autoral e apuração rigorosa são pilares fundamentais do jornalismo. A voz autoral reflete a singularidade do jornalista ao apresentar os fatos, contribuindo para tornar o texto mais envolvente e acessível. Já a apuração é considerada a base do jornalismo por garantir a credibilidade e a veracidade das informações, elementos essenciais para a construção de uma relação de confiança com o público.

REVISÃO DE LITERATURA

Para a base dessa pesquisa, é importante compreender um pouco de historiografia e jornalismo literário. No século XX, surge a Nova História[2] que busca trazer novos materiais como possibilidades de fontes a serem analisadas: imagem, literatura, cultura material. Dentro da Nova História, podemos citar algumas possibilidades de abordagens, sendo a história vista de baixo uma das que mais tem relação com o jornalismo literário.

Edward Palmer Thompson foi o precursor da história vista de baixo e inovou com a obra A formação da classe operária inglesa (1963), por dar atenção às narrativas dos trabalhadores, ao invés dos grandes feitos, dos personagens mais conhecidos.

A história vista de baixo foca nas narrativas dos sujeitos "normais", ou seja, aqueles que podem passar despercebidos pela História Política ou Econômica. Sharpe (2011, p. 54), explica: "a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história".

Essa tentativa de narrar do ponto de vista da classe trabalhadora e/ou dos oprimidos, que por muitos anos foram silenciados pela academia, buscando redescobrir histórias de pessoas comuns à luz de suas próprias experiências, é semelhante às perspectivas do jornalismo literário.

Para o jornalista Felipe Pena, na obra Jornalismo literário (2006), o gênero consiste em sete características, sendo: (1) potencializar os recursos do jornalismo; (2) ultrapassar os limites do cotidiano, pois rompe com os aspectos mais comuns do jornalismo diário: periodicidade e atualidade.

[2] Ver mais In: Burke, Peter. O que é História Cultural? 3ª Ed, 2021.

Por outro lado, essa obra se destaca em (3) ampliar a visão da realidade, aprofundar o conhecimento. O jornalismo literário ainda (4) cumpre com o dever de servir a um bem comum, exercitando a cidadania; (5) quebra as correntes da lide[3].

Por fim, (6) o jornalismo literário busca evitar os definidores primários, ou seja, o foco é muito mais nos personagens, não tem tanta preocupação nos especialistas; e (7) a perenidade, eternizar aquela história.

Uma subdivisão do gênero literário é o livro-reportagem. Para Lima (2009, p. 26), o livro reportagem é "o veículo de comunicação impressa não periódica que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódica". Para exemplificar, alguns famosos livros-reportagem são: A Sangue Frio (1967), de Truman Capote e Rota 66 (1992), de Caco Barcellos.

A partir de critérios de Lima (2009, p.57), a obra aqui analisada pode ser classificada como um livro-reportagem-denúncia, uma vez que descreve injustiças, abusos e omissões do poder público.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra analisada nesse projeto é Holocausto Brasileiro (2013) de Daniela Arbex. A autora é jornalista e escritora mineira, natural de Juiz de Fora. Trabalhou por 23 anos como repórter especial do Jornal Tribuna de Minas e agora se dedica à literatura. Em 2015, lançou Cova 312, vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Livro-Reportagem (2016). Daniela foi eleita a melhor repórter investigativa do Brasil em 2020 pelo Troféu Mulher Imprensa e tem ainda outros 20 prêmios nacionais e internacionais no currículo, entre eles três prêmios Esso e o americano Knight International Journalism Award.

A obra Holocausto Brasileiro foi publicada pela editora Geração em 2013, e no mesmo ano foi eleito Melhor Livro-Reportagem do Ano pela Associação Paulista de

[3] A lide é o parágrafo inicial de uma notícia ou reportagem, que apresenta as informações mais importantes do texto. Ele responde às perguntas básicas do jornalismo: o quê, quem, quando, onde, como, por quê e para quê. Sua função é atrair o leitor e fornecer a informação de forma rápida e direta. Quando se afirma que o jornalismo literário rompe com essa estrutura, significa que essas respostas estão distribuídas ao longo do texto e não necessariamente concentradas no primeiro parágrafo.

Críticos de Arte, no ano seguinte escolhido o melhor Livro-Reportagem pelo prêmio Jabuti. Já vendeu mais de 150 mil cópias no Brasil e em Portugal[4].

Ao revelar a realidade do Hospital Psiquiátrico Colônia, a autora também escancara aos leitores os problemas da sociedade brasileira atual, que preferiu prender, marginalizar e invisibilizar partes da sociedade. Esse é o diferencial desse livro-reportagem, a função de além de informar e orientar, mas também relembrar e não deixar esquecer: "E da periodicidade aproveita-se o livro-reportagem para impedir que a memória do leitor entre no limbo do esquecimento" (Lima, 2009, p. 46).

O livro é dividido em catorze capítulos, contando as experiências de enfermeiros, pacientes, familiares, jornalistas e todos aqueles que foram afetados. Por aqueles muros mortes, torturas e maus tratos eram relativizados. Muitas internações careciam de justificativa médica como epilépticos, prostitutas, alcoólatras e homossexuais — grupos frequentemente marginalizados e vistos como desviantes. Essas internações foram utilizadas como instrumento de controle social e revelam como o preconceito da época resultava na segregação de comportamentos e identidades que desafiavam as normas vigentes.

O que Arbex fez em Holocausto Brasileiro foi escolher alguns personagens e interpretar, com base em fontes e documentos, os acontecimentos vividos por eles no Colônia, histórias estas que estavam invisibilizadas. A análise da obra foi realizada capítulo a capítulo, com base nas categorias acima apresentadas. O resultado está mostrado no seguinte quadro:

[4] Premiações divulgadas pela página da autora na plataforma da editora Intrínseca: https://intrinseca.com.br/autor/daniela-arbex/

Quadro 1. Análise comparativa entre categorias de análise do Jornalismo Literário e da historiografia na obra Holocausto Brasileiro (2013)

Capítulos	**Categorias de análise de Jornalismo Literário**						**Categorias de análise de historiografia**		
	Descrição de cena	**Diálogos**	**Uso de elementos simbólicos**	**Narrativa do ponto de vista da personagem**	**Linguagem em primeira pessoa**	**Voz autoral**	**Trabalho de fontes**	**Disciplina metódica de pesquisa**	**Revisão por pares**
O pavilhão Afonso Pena	X	X	X	X		X	X		
Na roda da loucura	X	X	X	X		X	X		
O único homem que amou o Colônia	X	X	X	X		X	X		
A venda de cadáveres	X	X	X	X	X	X	X		
Os meninos de Oliveira	X	X	X	X		X	X		
A mãe dos meninos de Barbacena	X	X	X	X		X	X		
A filha da menina de Oliveira	X	X	X	X		X	X		
Sobrevivendo o Holocausto	X	X	X	X		X	X		
Encontro, desencontro e reencontro	X	X	X	X		X	X		
A história por trás da história	X	X	X	X		X	X		
Turismo com Foucault	X	X	X			X	X		
A luta entre o velho e o novo		X				X	X		
Tributo às vítimas	X	X	X	X		X	X		
A herança do Colônia	X	X	X	X	X	X	X		

Fonte: A autora, 2022.

Em sua obra Radical Chique e o Novo Jornalismo (Wolfe, 2005, p. 53-55), o jornalista elenca quatro elementos sobre a produção do *New Journalism*[5]: a construção cena a cena, diálogos completos, ponto de vista de terceira pessoa e o uso de elementos simbólicos.

Essas características são desenvolvidas por toda a obra aqui analisada. A descrição de cena, como afirmado por Wolfe (2005), tem a função de apresentar o ambiente e o personagem. A autora explora esse elemento no seguinte trecho:

> João Bosco foi chamado pelo comandante do Corpo de Bombeiros, Edson Alves Franco, no salão nobre da Academia de Bombeiros da rua Piauí. Era uma sexta-feira e coincidia com seu aniversário, e o militar ficou pensando o que teria levado o coronel a acioná-lo logo pela manhã. [...]
>
> Quando entrou no imóvel, João Bosco descobriu que o coronel não estava sozinho. Os músicos também estavam lá, uniformizados, com máquinas fotográficas nas mãos, sorrindo. Mas o que significava tudo aquilo, pensou.
>
> [...] (Arbex, 2013, p. 164).

Wolfe (2005) afirma a importância do jornalista estar presente naquele ambiente, a imersão, a observação e a escuta ativa para detalhar ao leitor toda a história. Arbex (2022a) em entrevista para o portal jornalístico A Escotilha em abril de 2022, comenta que o processo de escrita de suas obras exige uma apuração rigorosa e uma escuta atenta. O processo para construção dos livros passa pela ambientação.

> Mas nessa imersão você tem tempo de ver coisas que a maioria das pessoas não viu porque não teve essa oportunidade. E aí você também começa a conviver com as pessoas e você vai vendo o lado de pessoa A, B, C, já que a gente é complexo (Arbex, 2022a, [p. 4]).

No caso apresentado em Holocausto Brasileiro (2013), a autora não teve a possibilidade de observar diretamente os eventos descritos, uma vez que o hospital já havia passado por uma reestruturação. No entanto, isso não a impediu de entrevistar pessoas envolvidas e consultar diversas fontes, como antigos moradores e funcionários do hospital, para tentar recriar aqueles momentos. Ao longo da obra, percebe-se a

[5] O *New Journalism* surgiu nos Estados Unidos, entre os anos de 1950 e 1960, por jornalistas que buscavam um novo meio de escrever reportagens, fugindo dos padrões de lide. Entre os escritores mais famosos norte-americanos tem-se: Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese, Norman Mailer, entre outros.

apuração jornalística nas entrevistas realizadas e no uso de dados estatísticos, como os fornecidos pelo Ministério da Saúde, que complementam e dão credibilidade à narrativa.

Em depoimento a autora comenta que esse processo de entrevistas não é fácil, uma vez que a apuração exige atenção com as informações.

> É preciso entender que não é apenas chegar e entrevistar pessoas. Você tem que ter o contraditório, testemunhas para recriar os diálogos, as cenas. Eu ouvia sempre cinco pessoas para criar uma mesma cena, então, no final, eu tinha mais de 300 entrevistas feitas. [...] (Arbex, 2022a, [p. 5]).

Em todos os capítulos temos a apresentação de diálogos. Essa técnica "estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso [...]" (Wolfe, 2005, p. 54). Nesse momento, o jornalismo se aproxima da literatura para ajudar na criação e profundidade dos personagens.

Em alguns momentos da obra, a jornalista reproduz diálogos que não poderia ter presenciado, mas que provavelmente ouviu diretamente de sua fonte e está agora reconstruindo. No entanto, não é possível afirmar com certeza a origem dessa informação, pois a autora não a indica explicitamente.

> [...] Aos sete anos, numa de suas incursões pelo hospício, a menina conheceu uma paciente.
>
> – Tia, por que você está aqui?
>
> – Porque não tenho casa. Mas tenho duas filhas.
>
> – E onde elas estão? Queria brincar com elas.
>
> – Isso eu não sei - respondeu a mulher, com os olhos úmidos. (Arbex, 2013, p. 118).

Essa reconstrução de cena é um pacto entre o autor e o leitor. Mesmo que os leitores não tenham acesso à transcrição da entrevista ou não estejam presentes para ouvir o que a fonte diz, é estabelecida uma relação de confiança de que a jornalista está retratando o que ouviu. Nesse caso, a jornalista não descreve exatamente o que aconteceu, mas apresenta uma representação ou interpretação da versão da fonte sobre o fato.

> Estamos no campo da realidade e ainda que o profissional reconstrua o que se desenrola de acordo com sua bagagem sociocultural, o leitor espera que o jornalista seja honesto o suficiente para relatar o que vê. [...] Citações e pensamentos, por exemplo, devem ser verificados da forma mais simples que existe: perguntando à fonte (Martinez, 2009, p. 81).

A outra característica é a narrativa do ponto de vista da personagem, que busca apresentar uma história a partir de outras perspectivas. Como por exemplo:

> A primeira lembrança que Chiquinha tem do Colônia é de 1965. Aos dez anos, ela ajudava a servir as pacientes no refeitório feminino. Apesar da pouca idade, a menina tinha entrada liberada no hospital, onde levava marmita para a mãe, Maria José Moreira, contratada em 1959. [...] (Arbex, 2013, p. 38-39).

Essa técnica de novas perspectivas possibilita que personagens sejam construídos com maior complexidade, esse detalhamento da vida acaba por trazer uma tridimensionalidade. A partir do momento que o leitor tem a noção do passado e presente desse protagonista, suas emoções, suas ambições, suas fragilidades, seus medos e angústias, a história se torna muito mais humana. Como no seguinte trecho:

> Naquele momento, Dora começou a se desencantar com o emprego. Não queria ser cúmplice da desumanidade. Mais do que isso. Não queria desumanizar-se. Nascida em Barbacena, foi admitida para o emprego no Colônia em 1ª de abril de 1978, aos vinte anos, após passar em primeiro lugar no concurso do Estado. Começou trabalhando com os meninos e ficou conhecida pelas crianças da unidade como a Enfermeirinha. [...] (Arbex, 2013, p. 91).

Assim como a construção de personagem traz uma dimensionalidade para a história, o uso de elementos simbólicos faz o mesmo. Apresentar detalhes que ajudem a construir o cenário e o status do personagem **"**não é mero bordado em prosa. Ele se coloca junto ao centro do poder do realismo, assim como qualquer outro recurso da literatura" (Wolfe, 2005, p. 55). Apresentar detalhes do hospital é uma maneira de empregar um recurso literário que apresenta o realismo do cotidiano.

> Em Barbacena, elas passaram a dividir com outros pacientes as condições degradantes do hospital. E, apesar de existir uma ala infantil, ela era tão desbotada quanto as outras. A diferença é que lá, em vez de camas de capim, havia berços onde crianças aleijadas ou com paralisia cerebral vegetavam. Ninguém os retirava de lá nem para tomar sol. Quando a temperatura aumentava, os berços eram colocados no pátio, e os meninos permaneciam encarcerados dentro deles. [...] (Arbex, 2013, p. 89).

Nesse exemplo, Arbex descreve os quartos da ala infantil. Saber exatamente como as camas do hospital eram feitas, por exemplo, permite ao leitor imaginar a vida das pessoas que ali viviam e, sobretudo, sentir empatia pela situação. Isso reforça o potencial humanizador e, ao mesmo tempo, evidencia a rigorosa apuração, características do jornalismo literário.

TRATAMENTO DE FONTE

Tanto o Jornalismo como a História podem se utilizar das mesmas fontes para chegar a uma informação. Abreu (2003, p. 114) aponta que "o jornalista, assim como o historiador, tem o compromisso com a verdade. A pesquisa e as fontes que ambos utilizam para esclarecer os fatos podem até, muitas vezes, ser as mesmas. A diferença está na forma de trabalhá-las. [...]".

É por meio dessas entrevistas, que diversas histórias de vida são contadas, a partir da memória desses personagens. O método da memória é muito importante como fonte no livro-reportagem, pois é uma possibilidade para o jornalista interpretar o evento histórico. Como por exemplo, no trecho da conversa com o sobrevivente do Colônia, Antônio Gomes da Silva.

> Antônio fala baixo, quase como se não quisesse lembrar. Tem o rosto apoiado às mãos, e, apesar da estatura alta, parece querer esconder-se de si mesmo. Dentro da unidade, manteve-se calado durante vinte e um dos trinta e quatro anos em que ficou internado. Considerado mudo soltou a voz, um dia, ao ouvir a banda de música do 9º batalhão da Polícia Militar. (Arbex, 2013, p. 32).

Outra forma de fonte utilizada é a documentação, a coleta de dados propriamente dito. Como por exemplo, no seguinte trecho: "Segundo o Ministério da Saúde, 12% da população necessita de algum atendimento em saúde mental, sendo ele contínuo ou eventual, representando um contingente de 22 milhões de pessoas" (Arbex, 2013, p. 230).

Ao utilizar dados estatísticos, Arbex recorre à apuração rigorosa, característica essencial do jornalismo de qualidade. Nesse caso, a apuração envolveu buscar, checar e validar informações, um processo indispensável para assegurar a credibilidade jornalística. Essa prática fortalece a confiança entre o público e o conteúdo apresentado, oferecendo evidências concretas da pesquisa realizada pela jornalista.

Os dados, por sua vez, fornecem uma base objetiva para contextualizar os acontecimentos, ajudando o público a compreender a magnitude e as implicações de determinados fatos. Quando bem apurados, esses dados não apenas enriquecem a narrativa jornalística, mas também reforçam a importância e a eficácia do jornalismo responsável.

LINGUAGEM

A autora transita entre os campos do Jornalismo, da História e da Literatura, explorando a interdisciplinaridade para construir sua narrativa. Segundo Bulhões (2007), a principal diferença entre Jornalismo e Literatura está na forma como ambas representam a realidade: enquanto o Jornalismo busca relatar fatos com objetividade, seguindo uma técnica específica voltada para a notícia, a Literatura permite maior liberdade criativa e imaginativa.

Essa abordagem híbrida reflete uma tentativa de reinterpretar a fonte, não apenas como um dado factual, mas também com carga de subjetividades e contextos históricos, ampliando as possibilidades narrativas. Por mais que o fato seja o mesmo a ser descrito, o Jornalismo, a História e a Literatura podem elaborar narrativas diferentes com base nos seus métodos. O que Daniela Arbex faz ao escrever o livro reportagem é transitar por essa interdisciplinaridade.

Situações de um narrador-personagem (como quando se utiliza narração em primeira pessoa) é comum, essa é a personalidade do autor na obra.

> [...] Como pessoa integral que é [o jornalista] pode ter traços tão díspares como intimidade, franqueza, ironia, estranhamento, confusão, até ser julgador ou um tremendo gozador. Aliás, é essa voz íntima que, manifestada de forma mais implícita do que ostensiva, gera um campo de conexão com o leitor. (Martinez, 2009, p. 81).

Essa união de áreas, além de facilitar a leitura, convida o leitor a se envolver com a história, sem ficar preso em termos técnicos. Por exemplo, no trecho em que a autora descreve um pensamento de um personagem.

> Imediatamente, os atendentes do hospital embrulharam o coitado num lençol, como se aquele fosse um cadáver. Simplesmente fizeram o pacote, colocaram no chão, e o corpo ainda quente ficou à espera de quem o recolhesse para o necrotério. ‘Menos um’, pensou o guarda enquanto fazia o serviço. (Arbex, 2013, p. 38).

Alguns trechos, como: “O testemunho de Ivanir Vieira era por si só forte” (Arbex, 2013, p. 79); “Respondi, pedindo a ele mais informações” (Arbex, 2013, p. 79); “Só me restava ir até o endereço que havia mencionado na mensagem: rua Anhanguera, bairro Guaruá. [...] Ao me aproximar do endereço, meu coração saltava. Sempre fico assim quando sou tomada pela emoção de uma história” (Arbex, 2013, p. 80) destacam a linguagem em primeira pessoa da autora, demonstrando seus sentimentos e sensações ao escrever sua obra.

Um questionamento pertinente é a veracidade das informações em uma obra em que as fontes (e o processo de apuração como um todo) não estão explicitamente apresentados. A autora se permite utilizar de licenças poéticas para descrever diálogos ou detalhes de cena, porém sem perder a veracidade das informações. Destaca-se aqui, também, a credibilidade da jornalista. Daniela Arbex, escritora da obra, possui anos de carreira e transmite ao leitor confiabilidade de que tudo que ela apresenta em Holocausto Brasileiro foi devidamente apurado e revisado.

> Nesse tipo de narrativa, o autor não inventa nada. Ele se concentra nos fatos e na maneira literária de apresentá-los ao leitor. Trata-se do cruzamento da narrativa romanesca com a narrativa jornalística. O que significa manter o foco na realidade factual, apesar das estratégias ficcionais. (Pena, 2006, p. 105).

Não é por uso da linguagem literária, ou autoral, que o jornalismo perde a seriedade ou a credibilidade. Pelo contrário, a apuração da informação se mantém igualmente válida. Para a escrita da obra, a jornalista passou por todos esses processos, como ela explica na entrevista:

> Se você coloca um termo errado de uma questão técnica, você tira credibilidade do trabalho. O rigor no cuidado da informação só é possível com um mergulho profundo, muita apuração, muito investimento de tempo e muita insistência. (Arbex, 2022a, [p. 5]).

Mesmo com o uso da linguagem literária em uma obra de romance-reportagem, a realidade e a busca por uma apuração ética e profissional ainda se faz presente, "pode até ser que a narrativa se aproxime da ficção, mas isso nunca é feito deliberadamente, ao contrário da ficção-jornalística, que tem na inventividade um componente essencial de suas estratégias". (Pena, 2006, p.105).

Enquanto o jornalismo segue essa discussão entre o limiar de ficção e realidade nas obras, o historiador não pode criar ou supor absolutamente nenhum evento ou detalhe.

> [...] eles [os historiadores] estão presos ao passado de modo totalmente diverso dos romancistas. Se é certo que não o recuperam na sua integralidade e pureza originais, tampouco lhes é permitido negar eventos e personagens, por mais lacunares e parciais que sejam os indícios e os documentos acerca desses eventos. Assim, em História não há como ignorar e/ou inventar coisas nos mesmos termos e com a mesma liberdade desfrutada por autores de ficção (Luca, 2020, p. 109-110).

Em Holocausto Brasileiro as informações das fontes são transmitidas, mas sem indicação bibliográfica. Em trabalhos historiográficos, é muito importante ao apresentar fontes deixar claro onde e como encontrá-las, uma vez que as pesquisas são direcionadas

ao mundo acadêmico, para que seus pares possam verificar a veracidade das informações. Barros (2016, p.141-142), afirma:

> Se abro o texto de um historiador e não encontro citações de fontes, bem como remissões a outros autores que se convoca em apoio das teses historiográficas propostas (ou contra elas), desconfio. Se não encontro notas, estranho. Se não acho indicados, rigorosamente, os caminhos que levam às fontes [...] passo a suspeitar de que não estou diante do texto de um historiador, ou pelo menos de que não tenho nas mãos um texto propriamente historiográfico, mesmo que ele trate diretamente de história [...].

Abreu (2003) afirma que a diferença entre a História e o Jornalismo é exatamente o modo de se utilizar as fontes. Enquanto o primeiro deve apresentar explicitamente o método utilizado, o segundo não apresenta ao leitor a metodologia para se chegar a uma informação.

Independentemente de as fontes jornalísticas serem anônimas ou não, isso não significa uma displicência ou ignorância com a informação recebida. Pelo contrário, o processo de apuração é a base para um jornalismo sério.

Tanto a História como o Jornalismo buscam contar um acontecimento. E o fazem por meio das memórias. Enquanto a História se comunica aos seus pares, o jornalista literário, que está imerso em um ambiente editorial, se dirige para o grande público. Assim destaca Marcílio (2013, p. 57)

> O jornalista, em princípio, compromete-se com a comunicabilidade do discurso midiático. Como escreve para um público amplo e diversificado, o repórter procura, ao preparar a sua matéria, confeccionar um texto claro, preciso e atraente, que siga as regras dos manuais de redação. O historiador, por sua vez, tem outras inquietações com que se ocupar. Ao produzir ensaios e teses dentro do universo acadêmico, o historiador se dirige a seus pares, outros intelectuais. O texto historiográfico tende a utilizar recursos gramaticais mais elaborados, pendendo a um estilo mais formal de escrita.

No entanto, a formalidade dos protocolos acadêmicos não impede que o historiador utilize sua conexão com a literatura. Lucien Febvre (1878-1956), um dos fundadores da Escola dos Annales, em uma de suas obras mais famosas, O Problema da Incredulidade no Século XVI: A Fé de Rabelais, faz um trabalho historiográfico, e utiliza uma linguagem considerada mais literária.

> Só Deus sabe o que os críticos, sem dúvida ofuscados pelo brilho da prosa rabelaisiana, viram e puseram de coisas discordantes nesse documento. [...] Ora, Abel Lefranc incrimina, por aquilo que ele não diz, um Rabelais que se cala. E ora, por aquilo que ele diz, um Rabelais que fala (Febvre, 2009, p. 163; 168).

Pode-se perceber, então, que analisar apenas a forma que o texto é escrito não é suficiente para determinar se uma obra é jornalística ou historiográfica, visto que ambas podem utilizar da literatura como acessório para uma escrita mais interessante.

CAMPO ACADÊMICO E O GRANDE PÚBLICO

Como já foi dito aqui, o Jornalismo pertence à área da comunicação, ou seja, ele está imerso em um contexto midiático/cultural muito distante daqueles que historiadores estão, um meio que não exige o cumprimento de "ritos" acadêmicos.

> Fazer história é uma prática científica, o que implica em técnicas de produção e procedimentos de pesquisa. Isso significa que em seu ofício, o historiador também seguirá as regras da ciência e da academia no próprio sentido pragmático, pois ele utilizará métodos e técnicas para produzir o conhecimento científico e legitimar o seu trabalho, ao realizar pesquisas em arquivos, ao selecionar, interrogar, entrecruzar e analisar as fontes, transformando-as em documentos e produzindo sentidos. (Monteiro, 2020, p. 251)

A revisão por pares e a padronização em normas técnicas, por exemplo, são características de produções historiográficas dentro desse cenário acadêmico. Um historiador ganha notoriedade quando suas análises são publicadas em revistas, apresentados em congressos, palestras e grupos de estudo. A alta qualidade de uma produção é medida a partir das avaliações por pares, em que outros colegas de profissão lerão e avaliarão o trabalho.

Todo esse processo não é necessário em uma obra de jornalismo literário. Essa necessidade de corresponder a um espaço acadêmico, acaba por refletir na necessidade de se seguir uma metodologia de trabalho, ou seja, um modo de "ler" uma determinada fonte. E aí surge a disciplina metódica de análise.

> A escrita da História impõe rigor, tanto que não é o enredo que distingue a produção do historiador aquela do jornalista, ambos podem abordar exatamente a mesma questão, o distanciamento fica por conta dos procedimentos adotados. (Luca, 2020, p. 84).

Quando o objetivo é reviver uma história e apresentá-la ao grande público, o jornalista provavelmente terá mais êxito no âmbito social e cultural. Uma vez que o

trabalho histórico não tem essa abertura para a posição do autor. Como uma área acadêmica, a impessoalidade é essencial. O foco para a História não é se aproximar do leitor, pelo contrário, se manter o mais distante e impessoal possível do objeto de pesquisa e do receptor.

Outra diferença fundamental entre a História e o Jornalismo é o uso de conceitos. Como já dito anteriormente, em via de regra, a produção histórica é direcionada para o mundo acadêmico. Por outro lado, o jornalismo visa ao grande público.

> Obras que discutem conceitos ou aspectos metodológicos são frequentemente evocadas para informar a maneira como se realizam (ou se realizarão) a leitura e a abordagem das fontes. Em síntese: cita-se para confirmar, negar, relativizar complementar, sugerir, supor, (des)autorizar... A cada passo o historiador, diferentemente do jornalista e do romancista, precisa indicar o que o autoriza a afirmar isso ou aquilo, fornecer os elementos de veracidade do seu discurso. (Luca, 2020, p. 117).

Dessa maneira, para a História, o uso de conceitos bem definidos é essencial, "a utilização dos conceitos com consciência de sua historicidade, [...], é crucial para o historiador." (Barros, 2016, p. 187).

No caso do título Holocausto brasileiro, pode-se questionar o conceito da palavra "Holocausto". Se partirmos de um rigor conceitual (que o mundo acadêmico exige), a origem da palavra grega *holókaustos* seria "sacrifício em que a vítima é inteiramente queimada" (Grande Dicionário Houaiss) ou no conceito histórico da palavra seria, "massacre de judeus e de outras minorias, efetuado nos campos de concentração alemães durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)" (Grande Dicionário Houaiss). Pelo rigor conceitual o título da obra estaria cometendo anacronismo.

> A expressão 'anacronismo' ou 'anacrônico' ('fora do tempo'), é empregada quando ocorre a utilização estranha ou inadequada de algo – em nosso caso de uma palavra – quando importada de um para o outro tempo. Essa inadequação anacrônica pode ocorrer de duas maneiras inversas. Em um caso, pode ocorrer quando lemos um texto de uma época e, de modo inaceitável, atribuímos a certa palavra um sentido que ela não tem hoje, compreendendo toda a interpretação do texto. Em outro caso, pode ocorrer o anacronismo 'de hoje para ontem'. É o que se verifica quando, ao tentar analisar um texto ou processo histórico do passado, ou ao tentar descrever cenas e acontecimentos históricos, utilizo uma palavra de hoje (que não existia na época) e o resultado é catastrófico, produzindo

> incontornáveis estranhamentos e drásticas deformações. (Barros, 2016, p. 146).

Nesse caso, o título, historicamente, não possui um rigor científico. No entanto, vale lembrar, que essa é uma obra jornalística e não historiográfica. Ou seja, a função que ela exerce é de comunicar para a grande massa, logo não tem a necessidade dessa rigidez academicista.

Por mais que o termo não esteja acurado historicamente, ele não é utilizado em vão. Eliane Brum, no prefácio da obra, comenta a comparação entre os horrores vividos no Colônia com o Holocausto:

> As palavras sofrem com a banalização. Quando abusadas pelo despudor, são roubadas de sentido. Holocausto é uma palavra assim. Em geral, soa como exagero quando aplicada a algo além do assassinato em massa dos judeus pelos nazistas na Segunda Guerra. Neste livro, porém, seu uso é preciso. Terrivelmente preciso. Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia. Tinham sido, na maioria, enfiadas nos vagões de um trem, internadas à força. Quando elas chegavam ao Colônia, suas cabeças foram raspadas, e as roupas, arrancadas. Perderam o nome, foram rebatizadas pelos funcionários, começaram e terminaram ali. (Brum, *In:* Arbex, 2013, p. 13-14).

Enquanto a História fica presa a um mundo reservado aos intelectuais. O jornalismo busca chegar com a informação para o grande público, a função do jornalista é "captar o leitor, atraí-lo do seu mundo mental e emocional, cativá-lo para abstrair-se" (Lima, 2009, p. 143).

Ou seja, o leitor precisa de uma conexão com o autor, com a sua obra para surgir o interesse pela leitura. Sendo assim, o título Holocausto Brasileiro, mesmo que historicamente impreciso, é uma maneira de conectar com o público. As pessoas já ouviram esse termo, já tem uma noção das atrocidades cometidas naquele período e assim ficam instigadas a lerem a obra. Ou seja, a função do livro-reportagem de criar uma conexão intelectual e emocional com o público, foi cumprida.

USO DE IMAGENS

O livro Holocausto Brasileiro (2013) é recheado de fotografias do hospital Colônia. A grande maioria foram realizadas por Luiz Alfredo, em 1961, para a revista O Cruzeiro*,* porém, Napoleão Xavier, Roberto Fulgêncio, entre outros, ajudaram a compor o livro. Ao mesmo tempo que ilustram, os retratos colaboram para a construção visual do leitor sobre o que se passava no hospital.

Para Spitaliere (2014), as imagens são partes importantíssimas para o Jornalismo, uma vez que elas são indícios mais fiéis da realidade, e ao mesmo tempo se relacionam com o jornalismo literário visto que os dois rompem com características do jornalismo factual diário: a periodicidade e a atualidade (Spitaliere, 2014, p. 12-13)[6].

Além do registro material do hospital, o livro apresenta documentos digitalizados de alguns personagens. Por exemplo, a carteira de trabalho e a folha de contratação de Marlene Laureano, de quando foi contratada para ser atendente psiquiátrica. Ou o documento de internamento de uma mulher em 1911, em que se destaca o sintoma: tristeza. Entre outros. Essas imagens são importantes como fontes históricas, uma vez que combinadas com os depoimentos, ajudam na reconstrução do que se passou naquele período, além de ser uma forma de "comprovação" da apuração.

Esses elementos visuais também são muito comuns como fontes para trabalhos historiográficos. De acordo com Luca e Pinsky (2009, p. 37),

> O valor de prova ou testemunho da fotografia, quando lastreada pelas fontes textuais, servia como documento complementar para a construção de narrativas de cunho positivista, baseada no encadeamento factual e biográfico.

Dessa forma, em um trabalho historiográfico e jornalístico, o produto final não se baseia em uma única imagem, mas sim na análise crítica e contextualizada de um conjunto de fontes. Ao utilizar imagens como fonte de informação é essencial considerar o contexto de sua produção, ou seja, as condições em que as fotografias foram tiradas, o momento histórico em que foram feitas e as intenções ou objetivos do fotógrafo na ocasião.

No caso de Luiz Alfredo, ao realizar essas fotos para a revista O Cruzeiro, ele já tinha a intenção de alertar e denunciar os crimes que aconteciam dentro do hospital. Por isso, essas imagens são cruciais para confrontar outras fontes e problemáticas, como

[6] Algumas das imagens utilizadas no livro podem ser encontradas no site https://testemunhaocular.ims.com.br/convidados/luis-alfredo/

entrevistas e dados estatísticos, demonstrando o que elas representam dentro desse contexto de atrocidades que aconteciam dentro do hospital.

Esse tipo de abordagem permite uma leitura mais profunda e complexa das imagens, evitando interpretações superficiais. Ao fazer isso, o pesquisador ou jornalista pode identificar diferentes narrativas visuais e como elas se conectam a questões mais amplas, como eventos históricos. Assim, o uso de fontes fotográficas não se limita a ser só uma ilustração, mas se torna uma ferramenta poderosa para a construção do conhecimento histórico e jornalístico, oferecendo uma nova perspectiva sobre os acontecimentos retratados.

O LIVRO COMO FONTE

Como já apresentado até aqui, o livro apresenta inúmeras fontes primárias: depoimentos, fotografias, entrevistas e dados. Elementos esses que foram analisados e trabalhados pela autora.

Quando pensado como uma fonte em si, o livro é entendido como uma interpretação de alguém hoje sobre o passado, ou seja, uma leitura contemporânea sobre um acontecimento antigo. A obra se comprova como um material importante tanto para o Jornalismo como para a História, uma vez que consegue apresentar acontecimentos, pessoas que até então vinham sendo invisibilizadas.

Se não fosse por esse compilado de informações reunidas por Daniela Arbex, talvez a História não tivesse o registro humanizado, completo e aprofundado sobre a vida daquelas pessoas. Com o surgimento da Escola dos Annales, a imprensa passou a ser uma fonte primária muito utilizada pela História exatamente por fazer registros que futuramente serão utilizados por historiadores. Desse mesmo modo, Cruz e Etges (2018, p. 8), afirmam que o livro reportagem é uma forma de documento histórico.

> Neste tipo de livro [reportagem], além de haver informações baseadas em documentos escritos durante o período dos respectivos acontecimentos, há atualizações sobre esses episódios que contribuem para a manutenção da sociedade, da História e do Jornalismo. Isso se deve, especialmente, aos profissionais da área do Jornalismo que, ao se basearem no que foi escrito e documentado, buscam novas informações a fim de atualizar os fatos.

Ao narrar histórias reais, muitas vezes abordando questões sociais complexas, como no caso do Holocausto brasileiro, o jornalismo literário além de informar, também interpreta aquela realidade. O livro-reportagem, portanto, se torna um material repleto de

dados e reflexões que podem ser analisados por historiadores no futuro, à medida que busquem compreender aquele contexto.

Dessa forma, o trabalho de Arbex, assim como o de outros jornalistas que utilizam o formato do livro-reportagem, se insere nesse novo entendimento de História, no qual as fontes jornalísticas podem ser elevadas a uma categoria de valor histórico. Assim, jornalistas e historiadores se tornam aliados na preservação da memória coletiva e na preservação de histórias que, de outra forma, poderiam ser perdidas.

HUMANIZAÇÃO E MEMÓRIA

O jornalismo literário, assim como a história vista de baixo, busca iluminar acontecimentos que poderiam ser esquecidos, seja pela grande mídia, seja pela história política tradicional. Seja para contar sobre operários em uma fábrica na Inglaterra e seus cotidianos, seja para falar sobre vítimas em um manicômio no Brasil.

Assim como explicado por Lima (2009), o livro reportagem é, intrinsecamente, uma forma de trazer os personagens para próximo do leitor. Humanizar não é idealizar, sensacionalizar seus dramas, superestimar seus conflitos, mas sim ser realista. Apresentar os momentos bons e ruins, os obstáculos e a superação. O livro-reportagem é uma maneira de fazer lembrar o acontecimento.

Holocausto Brasileiro (2013) deixou registrado para sempre aquelas histórias, mas mais que isso, o livro também serve um bem maior a sociedade: é uma denúncia de como a conivência do poder público pode ser cruel. E, por isso, a obra de Arbex é tão importante, ela conta histórias de pessoas, com nome, idade, profissão, passado e presente, características físicas e psicológicas, que foram esquecidas[7].

Contar essas histórias é um ato de humanização, além de ser um espaço importante para não deixar esquecer. Arbex (2022a, [p.2]) afirma que, por meio dos relatos apresentados no livro, é possível "preservar a memória coletiva do Brasil". A partir da leitura, ela complementa, é possível "mudar o olhar do outro sobre aquele fato".

[7] Para ver mais sobre a omissão do poder público perante os crimes cometidos no hospital ver MARQUES Martins, O. J.; LIMA, G. A. O principio utilitarista aplicado aos relatos no livro Holocausto Brasileiro. **Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania**, *[S. l.]*, n. 9, p. 123–144, 2022. Disponível em: https://revistas.unaerp.br/cbpcc/article/view/2547. Acesso em: 28 nov. 2024.

Sobre a memória coletiva, Barros (2009, p. 41) explica:

> Esta se refere não apenas a esse processo de registro de acontecimentos pela experiência humana, como também à construção de referenciais sobre o passado e sobre o presente de diferentes grupos sociais e sob a perspectiva de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais.

As obras de Arbex utilizam como fonte a memória individual dos personagens que relataram suas vivências para construir a memória coletiva, para compreender o que foi, é e será o Brasil. Em entrevista para a *Revista Veja*, publicada online em janeiro de 2022 pelo jornalista André Sollitto, Arbex (2022b, [p. 4]) afirma:

> Algo que me fortaleceu no meu trabalho, especialmente na última década, é ver que estou ajudando a escrever a memória coletiva do nosso país. Dizem que o Brasil é um país sem memória, mas não dá pra perder aquilo que não foi construído. Então esse tipo de registro é necessário. Esquecer é negar a história. Me toca muito perceber que esses trabalhos que fiz servem inclusive como documentação histórica. [...].

Estudar História e Jornalismo é entender o passado e o presente para repensar o futuro. Holocausto Brasileiro (2013) é uma maneira de informar o povo brasileiro sobre sua própria pátria, mesmo que seja doloroso. A obra de Arbex apresenta personagens de forma humanizada, apresenta seus traumas, suas fragilidades, mas também suas superações. É uma denúncia, mas também é uma memória da história do Brasil.

CONCLUSÃO

A proposta inicial deste trabalho era compreender os distanciamentos e aproximações entre o jornalismo literário e a historiografia na obra Holocausto Brasileiro (2013), de Daniela Arbex. A partir das análises teóricas de Wolfe (2005), Lima (2009), Pena (2006), Barros (2005), Luca (2020) entre outros, pode-se compreender que o livro une as duas áreas do conhecimento.

Holocausto Brasileiro apresenta todas as características de um livro-reportagem de jornalismo literário: descrição de cena, diálogos, elementos simbólicos, narrativa do ponto de vista do personagem, voz autoral e linguagem em primeira pessoa. No entanto, essa não é uma obra historiográfica, uma vez que não passou por uma disciplina metódica de pesquisa, nem revisão por pares.

Para a construção da narrativa, a autora se utiliza de fontes apreciadas tanto por jornalistas, como por historiadores, como: entrevistas, fontes oficiais, fotografias e observação. A maior diferença entre os dois profissionais é a maneira de se apresentar o fato pesquisado. O jornalista, que está em um meio cultural, possui mais liberdade de apresentar o acontecimento a partir de uma narrativa mais literária, direcionada ao grande público. Por isso, situações como a de narrador-personagem se torna comum, aproximações com as fontes é natural.

Por outro lado, o historiador está imerso em um meio direcionado ao mundo acadêmico. A linguagem utilizada passa a ser mais rigorosa, impessoal, sem muita possibilidade de liberdade por parte do autor. Além de ser elaborada a partir de uma teoria, de uma categoria de análise adequada à temática pesquisada e, sobretudo, de uma metodologia apropriada, com base nas fontes selecionadas que compõem o corpus documental, a pesquisa é posteriormente revisada por colegas.

As duas áreas do conhecimento são diferentes na maneira de apresentar o fato, mas ressalta-se que não existe uma hierarquia, ou superioridade de uma área sobre a outra, são perspectivas diferentes. A apuração das informações apresentadas tanto por jornalistas, quanto por historiadores, é rigorosa.

O Hospital Psiquiátrico Colônia, em Barbacena, fundado em 1903, chegou a abrigar mais de cinco mil pacientes em condições precárias, com graves violações de direitos humanos. A cultura higienista da época promoveu uma "limpeza social", separando pessoas consideradas indesejadas pela sociedade.

Apesar desse histórico, o Brasil passou por transformações no tratamento psiquiátrico ao longo do século XX, impulsionadas pela reforma psiquiátrica, que buscou substituir o modelo manicomial por uma abordagem mais humanizada e inclusiva. Hoje, o Colônia foi transformado no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena e abriga cerca de 170 pacientes crônicos. Atualmente, o prédio também abriga o Museu da Loucura, uma iniciativa que expõe as atrocidades cometidas naquele espaço e promove a conscientização sobre a luta antimanicomial.

O Holocausto Brasileiro (2013) tem como objetivo último humanizar os personagens apresentados. Daniela Arbex revisita o Brasil do passado, permitindo ao leitor acessar acontecimentos muitas vezes esquecidos ou invisibilizados. Histórias que poderiam ser apagadas pelo tempo são trazidas de volta à vida, registradas em seu livro.

O jornalismo literário se destaca pela forma humanizada de apresentar tanto os mortos quanto os sobreviventes. Enquanto isso, a história fornece o contexto e as informações que fundamentam essas narrativas. Juntas, essas áreas do conhecimento colaboram para relembrar ao brasileiro o que é o Brasil.

Esse Brasil, por sua vez, foi profundamente marcado por políticas higienistas respaldadas pela conivência do Estado, que não apenas tolerava, mas também legitimava práticas de exclusão social e violação de direitos humanos. Obras como a de Arbex tornam-se ferramentas essenciais para a preservação da memória e a divulgação de informações à sociedade, permitindo reflexões sobre o passado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. Eles mudaram a imprensa. *In.*: ABREU, Alzira A.; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora. (org.). **Eles mudaram a imprensa**: depoimentos ao CPDOc, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p .9-10.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ARBEX, Daniela. Daniela Arbex: me sinto privilegiada por dar voz à memória afetiva das pessoas. [Entrevista concedida a] Maura Martins. **A Escotilha**, 2022a. Disponível em: https://escotilha.com.br/literatura/entrevista-daniela-arbex-livro-reportagem-arrastados-holocausto-brasileiro/. Acesso em: 28 nov. 2024.

ARBEX, Daniela. Daniela Arbex: Quero ajudar a escrever a memória coletiva do nosso país. [Entrevista concedida a] André Sollitto. **Revista Veja**, 2022b. Disponível em: https://veja.abril.com.br/ideias/daniela-arbex-quero-ajudar-a-escrever-a-memoria-coletiva-do-nosso-pais. Acesso em: 28 nov. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, vol. 3, n.5, p 35-67, 2009. Disponível em: https://www.studocu.com/pt/document/universidade-do-minho/introducao-aos-estudos-historicos/historia-memoria-pdf/36626819. Acesso em: 28 nov. 2024.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Vozes, 2005.

BARROS, José D'Assunção. **Os Conceitos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CRUZ, Mônica Andressa da; ETGES, Hélio Afonso. Livro-reportagem como forma de documentação histórica: análise da obra Holocausto Brasileiro. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Paraná, p. 1-15, 2018. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1020-1.pdf. Acesso em: 28 nov. 2024.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Online. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2001.

LIMA, Edvaldo. P. **Páginas Ampliadas**: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Barueri (SP): Editora Manole, 2009.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020.

LUCA, Tania Regina de.; PINSKY, Carla Bassanezi. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCILIO, Daniel. **O historiador e o Jornalista**: a História imediata entre o ofício historiográfico e atividade jornalística. AEDOS nº12, v. 5, 2013.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, ano VI, n. 1, p. 71-83, jan./jun. 2009. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71. Acesso em: 28 nov. 2024.

MONTEIRO, Juliana da Silva. Resenha - O discurso histórico como representação de uma ciência do sujeito: a operação historiográfica em Michel de Certeau. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 9, n. 26, p. 166–251, 2020. DOI: 10.30612/eduf.v9i26.12768. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/12768. Acesso em: 28 nov. 2024.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

SHARPE, Jim. História vista de baixo. In.: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**. Novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp; Edição: 2ª, 2011.

SPITALIERE, Juliana. O Jornalismo Literário na revista Zum: o interdiscurso em textos e imagens. **XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Santa Catarina, p. 1-15, 2014. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0910-1.pdf. Acesso em: 28 nov. 2024.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.